

**O CORPO NEGRO
COMO LOCAL DE
DISCURSO NA ARTE
CONTEMPORÂNEA
AFRICANA**

Débora Armelin Ferreira

Especialista em História da Arte pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

A linguagem corporal tradicionalmente faz parte da criação e da produção material e imaterial na de vários povos africanos. Há séculos, os africanos utilizam o corpo como veículo de conexão entre o mundo visível e invisível, sendo que grande parte da produção plástica africana se constituiu historicamente como a escolha primeira de manifestação cultural.

Quando falamos de uma sociedade baseada na tradição oral, seus corpos servem como portadores de memória, da história e da herança de seus antepassados, contendo signos a serem decifrados e decodificados, expressos como “tradição viva”, como já dizia o grande sociólogo e historiador maliano Hampaté Bá.

O corpo negro não é um corpo único, individual, mas sim um corpo participativo e humanitário, o corpo africano que se conecta com outra dimensão. E nessa relação que vai além de um único indivíduo no espaço, se estabelece uma identidade coletiva, visto como um aspecto importante dentro da cultura africana, onde se é permitido compreender uma diversidade de gestos, ritmos, cores e formas tradicionais de expressões culturais através das atividades performáticas como a música, a dança, a pintura corporal, escarificações e até em suas esculturas e máscaras.

Essa memória corporal se manifesta nas performances ritualísticas e cerimoniais, cada qual com seu significado, mas que buscam a conexão entre os mundos interior/exterior, real/espiritual. Elas são a expressão de organização social que diferencia e define o papel dos indivíduos dentro da sociedade.

Esses corpos negros que, durante o período da diáspora africana, resignificaram suas tradições levando consigo escritas performáticas e foram utilizados como ferramenta e linguagem, tornam-se receptáculo simbólico e expressivo transcendente deste deslocamento, habitando diferentes geografias no chamado “Mundo Novo”. Mesmo longe de suas terras, os africanos carregaram em seus corpos a memória de suas danças e rituais no objetivo de manter sua identidade cultural.

Assim, o corpo negro, visto como exótico e primitivo, foi cultivado pelos europeus como uma fantasia por serem considerados hipersexuados, ressaltando suas qualidades “naturais”. A exemplo disso temos o caso de Sarah Baartman, conhecida também como Venus de Hotentote, que foi exposta (e explorada) em freak shows na Inglaterra devido às proporções de seu corpo, com formas mais “avantajadas”, diferentes do estereótipo europeu, e que igualmente serviu como objeto de estudo. Uma imagem historicamente fetichizada e sexualizada.

Vimos essa tradição de mulher como “guardiã e veículo de identidade africana” no intuito de manter seu status e sua sobrevivência dentro de uma sociedade patriarcal, e diante de suas “obrigações” como mãe e mulher. Ser mulher em África era se posicionar diante de limitadas e castradas condições, e mesmo que de forma mais silenciosa.

Em fins do século XX, em África, é possível ver o corpo como o próprio discurso da mulher através de organizações ativistas, escritoras femininas e muitas artistas pertencentes a chamada 3ª Diáspora. Essas, ao retornarem aos seus países, passam a se enxergar como “o outro”, adquirindo um olhar diferente quanto a luta por essa igualdade de direitos dentro da sociedade africana, uma luta que pode ser pequena diante das manifestações ocidentais, mas que tem ganhado espaço, em especial, na esfera artística. A arte contemporânea criada na África muitas artistas mulheres usaram seus corpos como meio de protesto, como veículo de denúncia, abordando questões de gênero (sempre

vinculado ao sexo, e principalmente à violência sexual), questões de identidade, de território e de raça, provando que elas são possuidoras desses corpos que se tornou local de múltiplos discursos no intuito de esculpir a história, memória, identidade e cultura, guardando em si as dores e cicatrizes.

Dentro do panorama artístico africano, podemos citar duas artistas que se destacam pela importância de seus trabalhos a partir de uma abordagem conceitual em que o próprio corpo é utilizado como local onde a arte atribui seus significados, assim como seus questionamentos. São elas Tracey Rose, da África do Sul e Ingrid Mwangi, do Quênia.

As temáticas mais comuns vistas em suas obras tratam da questão do corpo, feminino e negro, a partir da desconstrução de mitos, criticando sua história baseada na contradição da construção dos seus seres, a de pertencer a dois países distintos (um africano e outro europeu), e também sua luta contra rótulo pré-concebidos pela sociedade atual, ora provocando ora chocando o espectador. O uso do corpo da própria artista faz com que o corpo da mulher africana e sua condição dentro da sociedade sejam analisados e que se possa refletir sobre as diferenças culturais, étnicas e de sexo nos dias atuais.

As artistas da corporeidade se utilizam da arte para despertarem consciências, alterando seus corpos para projetar o papel da mulher, a consciência do indivíduo e sua função dentro da sociedade, fazendo com que a arte seja mais um espaço de tensão que de solução. Elas mostram que seus corpos guardam memórias, marcas e histórias, são receptáculos de gestos codificados, mas que são ressignificados, servindo como suporte de seus trabalhos e sendo projetados como tela onde a arte se manifesta desafiando e questionando o seu público a partilhar de diferentes visões, a visão do “outro”.



Foto
Ingrid Mwangi (Kenyan, b. 1975). *Static Drift*, 2001. Two chromogenic prints mounted on aluminum, edition of 5. Heather and Tony Podesta Collection, Falls Church, Virginia. (Photo: Courtesy of Galerie Anne de Villepoix, Paris)